

Inteligência Artificial para Compliance

Bruno Rodrigues e Eric Barreto

Introdução

Boas-vindas!

Seja bem-vindo ao curso de IA para Compliance!

Nesse curso, você vai aprender a usar ferramentas como o ChatGPT, o Gemini e outros modelos de linguagem para resolver problemas reais do seu dia a dia. Vamos mostrar como essas tecnologias podem te ajudar a escrever textos, organizar informações, investigar situações, gerar relatórios e automatizar tarefas.

Você não precisa ter formação técnica para acompanhar. Vamos direto ao ponto, com demonstrações práticas, linguagem acessível e aplicações que você pode testar na hora.

A ideia aqui é simples: te dar confiança, repertório e ideias para aplicar IA no seu trabalho **ainda hoje**.

Vamos começar?

Apresentação dos instrutores

Bruno Rodrigues

Tenho uma trajetória de longa data com tecnologia. Aos 16 anos, fundei minha primeira empresa, ainda nos primeiros anos da internet no Brasil. Desde então, criei produtos de tecnologia que atingiram milhões de pessoas e participei de centenas de projetos, atuando em desenvolvimento, arquitetura de software e liderança de times técnicos em grandes empresas.

Nos últimos anos, venho me dedicando ao estudo e à aplicação de inteligência artificial em contextos de negócios. Em 2021, co-fundei a Okai ao lado do Eric Barreto, onde lideramos a criação da primeira IA para compliance do Brasil, que hoje é utilizada por bancos, seguradoras e companhias abertas para enfrentar desafios regulatórios com mais agilidade, segurança e eficiência.

No curso, meu objetivo é apresentar, de forma prática, como a IA generativa pode contribuir para que profissionais de compliance ganhem produtividade, clareza e autonomia no dia a dia.



Apresentação dos instrutores

Eric Barreto

Minha formação é em contabilidade, com mais de 25 anos de atuação nas áreas de finanças, contabilidade societária e compliance. Ao longo da carreira, atuei como consultor para empresas de diversos setores e como professor em instituições como o Insper, FIPECAFI, FGV e outras escolas de negócios no Brasil e no exterior.

Tenho doutorado e mestrado pela USP, onde pesquisei temas como manipulação contábil, valor justo e análise de demonstrações financeiras. Publiquei livros voltados ao IFRS e instrumentos financeiros, e participei de discussões técnicas envolvendo o Banco Central, CVM, IASB, CPC e outras entidades reguladoras.

Hoje, sou cofundador da Okai, e atuo como conselheiro técnico em assuntos contábeis e regulatórios. No curso, compartilho uma visão prática e crítica sobre como a IA pode ser aplicada com responsabilidade nas rotinas técnicas do Compliance.



O momento da IA

Vivemos uma revolução silenciosa, mas transformadora. A inteligência artificial deixou de ser promessa distante e hoje está presente em ferramentas acessíveis a qualquer pessoa: de grandes bancos a pequenos escritórios.

Modelos como o ChatGPT, Gemini e outros já são capazes de escrever textos, analisar documentos, gerar ideias, automatizar tarefas repetitivas, criar imagens e até interpretar contextos complexos. E tudo isso está acontecendo a uma velocidade incrível.

Estamos só no começo: a cada semana, surgem novas aplicações, integrações e recursos, abrindo portas para produtividade, inovação e redução de custos. O profissional que aprende a usar essas ferramentas agora tem a chance de se destacar, transformando sua rotina e carreira.



O momento do compliance

Antes da virada do século, o BankBoston já introduzia no Brasil a área de compliance, que vinha se consolidando no setor financeiro. Desde então, a regulação evoluiu em resposta a crises, fraudes, eventos globais e ao avanço da tecnologia. Casos como a fraude da Enron, os atentados de 11 de setembro e a crise de 2008 tiveram impacto direto na criação de novas regras e no endurecimento das exigências regulatórias. Ao mesmo tempo, surgiram iniciativas de flexibilização, como o sandbox regulatório, que permite testar inovações sem enquadrá-las imediatamente nas normas existentes.

Nesse cenário, o papel do compliance deixou de ser apenas de fiscalização e passou a atuar de forma ativa, participando do desenho de produtos, serviços e da adoção de novas tecnologias. Exemplos vão desde o reconhecimento facial em condomínios, que exige adequação à LGPD, até o uso de inteligência artificial no ambiente corporativo. A IA tem sido empregada para interpretar normas, filtrar informações relevantes, identificar riscos e automatizar processos repetitivos, como a prevenção à lavagem de dinheiro.

Apesar dos benefícios, permanecem os riscos de erros, falsos positivos e “alucinações” de algoritmos. Por isso, a utilização da inteligência artificial em compliance exige cuidados: prompts detalhados, revisões constantes e melhoria contínua do processo, garantindo que a tecnologia agregue eficiência sem comprometer conformidade ou segurança.

O que esperar do curso

Nesse curso, você vai aprender a usar a inteligência artificial generativa de forma prática, aplicada e segura para transformar sua rotina.

Vamos apresentar as principais ferramentas do mercado, mostrar passo a passo como elas funcionam, explicar conceitos essenciais sem complicação e, principalmente, colocar a mão na massa com exercícios, exemplos reais e casos do dia a dia.

O curso foi pensado para quem quer ganhar tempo, reduzir erros, automatizar processos e tomar decisões com mais confiança, mesmo sem conhecimento técnico prévio.

Fundamentos da IA

Breve história da IA

A inteligência artificial tem uma história que começa nos anos 1940, com as primeiras teorias sobre redes neurais. Nos anos 1950, nasce oficialmente como campo de estudo, mas o progresso foi lento por décadas, limitado pela tecnologia da época.

O grande público só começou a ouvir sobre IA nos anos 1990, com o Deep Blue derrotando Kasparov no xadrez. O salto mesmo veio a partir de 2012, com o avanço do deep learning e, em 2017, a invenção dos transformers — a base dos modelos generativos atuais.

A partir de 2022, com o lançamento do ChatGPT, a IA generativa ficou acessível a todos. Desde então, vemos uma corrida de inovação, com modelos cada vez mais poderosos, como Gemini, Claude e outros, mudando a forma como trabalhamos e resolvemos problemas.

- 
- A vertical timeline on the right side of the slide, marked with purple circles. To the right of the timeline, there are two decorative shapes: a cyan circle and a purple triangle pointing to the right.
- 1943**
McCulloch & Pitts
Primeira rede neural
 - 1956**
Dartmouth Conference
Nasce o termo IA
 - 1997**
DeepBlue vs Kasparov
Computador derrota mestre do Xadrez
 - 2012**
Boom do Deep Learning
Redes neurais superando humanos
 - 2017**
Transformers
Revolução da IA Generativa
 - 2022**
GPT
Popularização dos novos modelos

Atravessando as mudanças tecnológicas

Antigamente, a compensação de cheques era um processo manual e demorado. Pilhas de papéis passavam pelas mãos de diferentes analistas, que digitavam valores em calculadoras com enorme destreza, mas ainda assim a liquidação podia levar dias, especialmente em cidades distantes. Essa lentidão abria espaço para distorções de mercado: participantes se antecipavam às diferenças de preços entre praças, comprando em um lugar e vendendo em outro antes mesmo da liquidação efetiva, muitas vezes sem possuir o ativo ou o dinheiro em mãos.

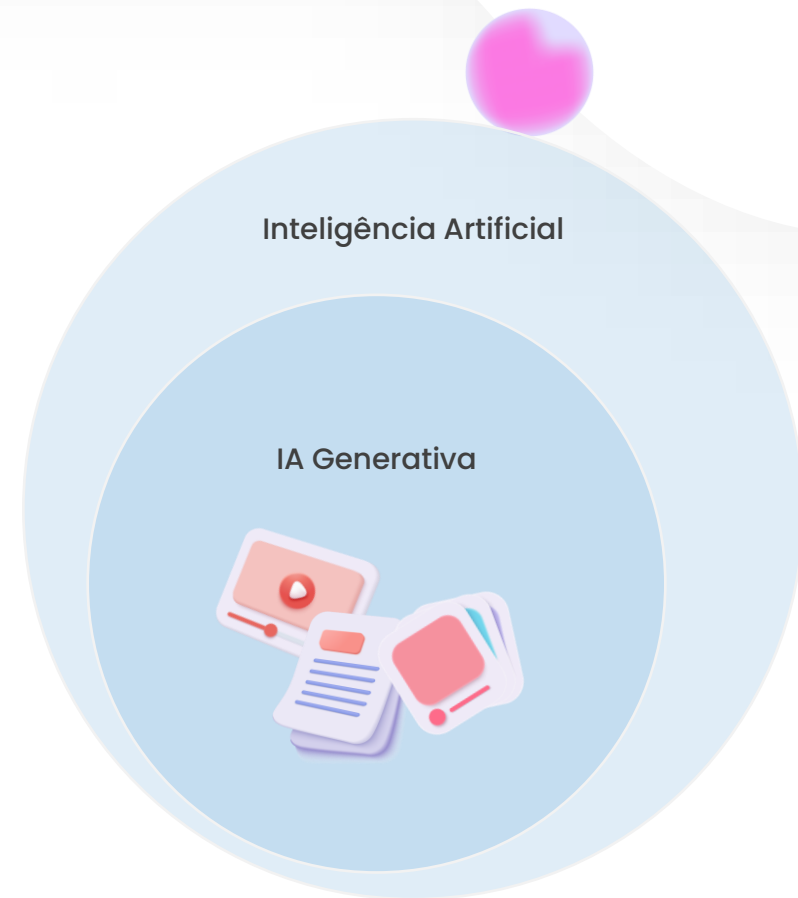
Com o avanço da tecnologia, o Sistema de Pagamentos Brasileiro (2001) já permitia transações rápidas, mas ainda dependia de confirmações manuais, como a atuação dos chamados “pilotos de reservas”. Hoje, esse cenário mudou radicalmente: o PIX e o SPI do Banco Central viabilizam pagamentos instantâneos entre instituições, eliminando atrasos e riscos de arbitragem. Além disso, a inteligência artificial passou a ser usada em auditorias e conciliações financeiras, capaz de analisar extratos completos, cruzar sistemas e identificar inconsistências automaticamente, trazendo muito mais eficiência, precisão e segurança às operações.

O que é IA Generativa

A IA Generativa é um tipo específico de inteligência artificial que vai além de apenas analisar ou classificar dados, ela é capaz de criar algo novo: textos, imagens, sons, códigos, até vídeos.

Esses algoritmos são treinados com grandes volumes de dados e aprendem a reconhecer padrões complexos, o que permite gerar conteúdos originais a partir de simples comandos. É a tecnologia por trás de ferramentas como ChatGPT, Gemini e tantos outros.

O diferencial da IA Generativa é que ela oferece uma interface fácil e natural. Você escreve (ou fala) o que precisa, e a máquina responde criando, sugerindo, resumindo ou explicando, de forma flexível e personalizada. Por isso, está ganhando tanto espaço e mudando o jeito como trabalhamos, aprendemos e tomamos decisões no dia a dia.



Por que IA Generativa é especial

O grande diferencial da IA generativa é a facilidade de acesso. Ao contrário de outros tipos de inteligência artificial, que normalmente exigem conhecimentos técnicos ou integração com sistemas específicos, a IA generativa pode ser usada por qualquer pessoa: basta digitar (ou falar) o que você precisa.

Ferramentas como ChatGPT e Gemini transformaram a experiência em algo natural, quase como conversar com um colega de trabalho. Não precisa programar, instalar nada complicado ou entender de estatística. Com isso, profissionais de todas as áreas podem criar textos, resumir documentos, gerar imagens e automatizar tarefas com poucos cliques.

Por ser tão acessível e versátil, a IA generativa está rapidamente ocupando espaço de outras soluções mais antigas ou restritas. Em muitos casos, já substitui ferramentas tradicionais de busca, automação ou análise de dados, tornando-se a escolha preferida para resolver problemas do dia a dia de forma criativa, personalizada e eficiente.

Essa democratização da tecnologia é o que torna a IA generativa tão especial — e tão relevante para quem quer se manter atualizado e competitivo no mercado.

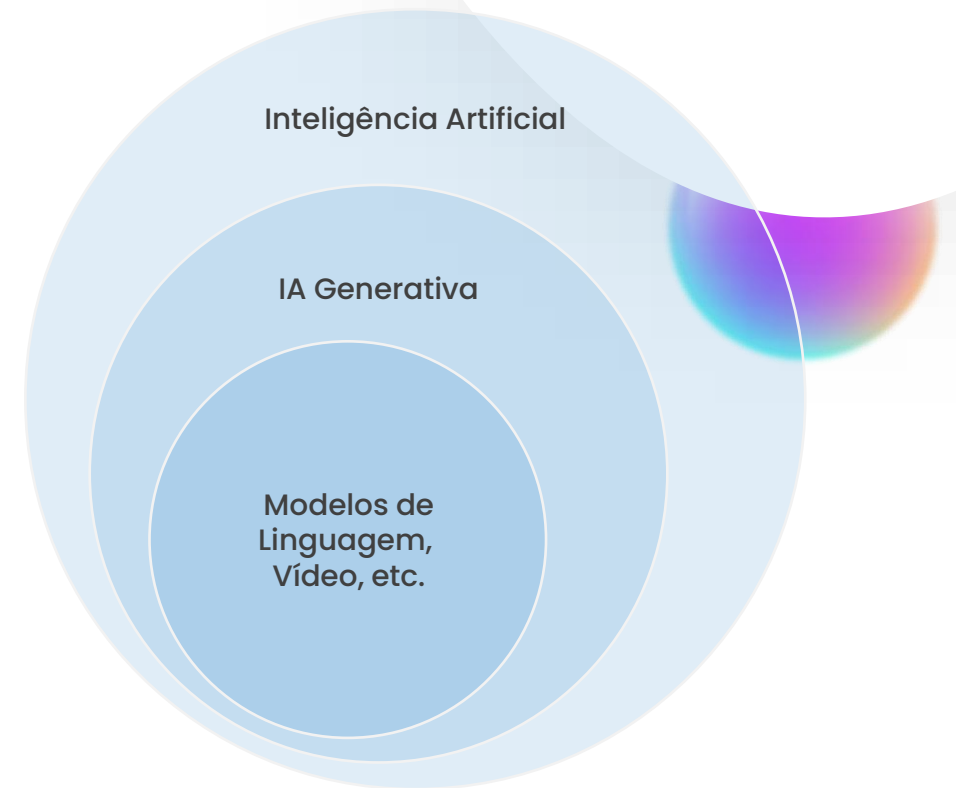
O que é um Modelo?

Por trás das ferramentas de IA generativa que já estão mudando o nosso dia a dia, existe sempre um modelo — ou seja, um algoritmo treinado para entender e criar conteúdos a partir de exemplos reais.

Esse modelo foi *treinado*, isso é, já leu milhões de textos, analisou imagens, ouviu áudios, estudou tabelas e aprendeu, com tudo isso, a reconhecer padrões, estruturas e estilos. Depois desse treinamento, o modelo fica apto a gerar respostas, textos, resumos, análises e até imagens, sempre a partir do seu comando.

Alguns modelos são especializados em linguagem, outros em imagens ou sons. Cada vez mais, vemos modelos multimodais, como o ChatGPT, capazes de lidar com vários tipos de informação ao mesmo tempo. Quando você faz uma pergunta ou dá um comando, é esse modelo que interpreta o pedido e produz a resposta, de forma personalizada, com base em tudo o que já aprendeu.

Ao longo do curso, quando falarmos em “modelo”, estaremos sempre nos referindo a esse mecanismo central: o sistema treinado, pronto para transformar seu input em resultados novos e relevantes para sua rotina.



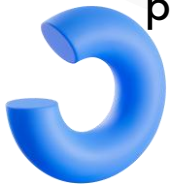
Tipos de Modelos

Existem modelos de IA para tarefas das mais variadas: criar textos, analisar documentos, entender imagens, transcrever áudios, gerar código e prever tendências. O tamanho e a complexidade de cada modelo dependem do objetivo e dos recursos usados no treinamento.

Os Grandes Modelos de Linguagem (LLMs – Large Language Models), como ChatGPT, Gemini e Claude, são exemplos de modelos treinados com bilhões de exemplos, capazes de lidar com múltiplos assuntos, estilos e formatos. Eles são poderosos, versáteis e conseguem responder a uma ampla gama de perguntas ou desafios.

Mas nem todo modelo precisa ser gigantesco. Existem modelos menores, desenhados para tarefas mais simples ou restritas a contextos específicos, como classificar e-mails, resumir textos curtos, identificar padrões em planilhas ou ajudar em tarefas repetitivas dentro de uma empresa. Eles podem ser mais rápidos, baratos e fáceis de adaptar ao que a organização precisa.

Hoje também temos os modelos multimodais, que conseguem entender e combinar texto, imagem, áudio e outros tipos de informação em uma mesma conversa. O mais importante é saber que há modelos para diferentes necessidades – desde os “gigantes” generalistas até soluções pequenas e sob medida, prontos para entregar respostas inteligentes e úteis em diversas situações do seu dia a dia.



Como os Modelos são criados?

Assim como uma pessoa aprende observando exemplos, lendo livros e praticando, os modelos de IA também passam por um processo de aprendizado, chamado de treinamento. Para isso, eles são expostos a uma enorme quantidade de dados: textos, imagens, áudios, códigos, planilhas, documentos e muito mais, dependendo do objetivo de cada modelo.

Esse treinamento não é simples nem barato. Grandes modelos como ChatGPT, Gemini e outros exigem meses de processamento, usando milhares de computadores, energia e equipes altamente especializadas, o que faz com que o custo chegue facilmente a dezenas ou até centenas de milhões de dólares. Por isso, apenas poucas empresas no mundo conseguem treinar modelos realmente avançados do zero.

Durante o treinamento, o modelo “aprende” a reconhecer padrões, prever o que vem a seguir e gerar respostas coerentes, sem decorar exatamente os exemplos que viu. O modelo só tem acesso aos dados disponíveis até o fim do seu treinamento. Isso significa que ele não sabe o que aconteceu depois dessa *data de corte*. Por exemplo, um modelo treinado até abril de 2023 não conhece notícias, eventos ou mudanças que aconteceram após essa data, a menos que tenha acesso a buscas em tempo real.



Como funcionam os Modelos de Linguagem

Tudo começa com um *prompt*, ou seja, o comando ou pergunta que você envia para o modelo. A partir desse texto, o modelo divide tudo em pequenas partes chamadas tokens (que podem ser palavras, sílabas ou até pedaços de palavras).

O funcionamento é probabilístico: a cada passo, o modelo analisa o prompt e calcula, com base em tudo o que aprendeu durante o treinamento, qual é o próximo token mais provável para seguir na resposta. Ele repete esse processo, token por token, construindo a resposta final de forma dinâmica.

Isso permite que o modelo gere textos novos, explique ideias, faça resumos ou traduções, sempre adaptando o resultado ao contexto do seu comando. Quanto mais claro e detalhado for o prompt, melhores e mais precisas tendem a ser as respostas que você recebe.

E os outros modelos? Seguem princípios muito parecidos! Mas, em vez de trabalharem com texto, trabalham com outros tipos de mídia.

Prompt

Hoje o céu está

Tokens

Hoje

o

céu

está

**Próximos
Tokens
Mais
Prováveis**

bonito

65%

nublado

12%

claro

8%

cinza

3%

Resposta

Hoje o céu está bonito

Sobre a aleatoriedade

Os modelos de IA generativa são não determinísticos. Isso significa que, mesmo enviando exatamente o mesmo prompt várias vezes, você pode receber respostas diferentes em cada tentativa. O motivo está na aleatoriedade do processo: ao escolher cada novo token, o modelo considera as probabilidades, mas existe sempre um fator de sorte, uma *semente aleatória* sorteada pelo modelo, que pode direcionar o resultado para caminhos diferentes.

Essa característica é uma virtude, porque permite que a IA seja criativa e apresente variações de texto, ideias ou imagens, sem repetir sempre a mesma resposta. Isso é útil para brainstorming, geração de conteúdo original e busca por perspectivas novas.

Por outro lado, pode ser uma limitação em tarefas que exigem precisão absoluta ou reprodutibilidade. Por exemplo, quando precisamos sempre do mesmo resultado para um mesmo comando. Em algumas ferramentas avançadas, é possível definir manualmente a semente aleatória para garantir respostas idênticas em diferentes execuções, mas na maioria dos usos práticos essa aleatoriedade faz parte da experiência.

Em resumo: esses modelos não serem determinísticos é o que permite que eles surpreendam e inovem, mas também exige do usuário atenção extra ao validar e aplicar os resultados no dia a dia.



O que são alucinações?

Modelos de linguagem não sabem o que é verdade ou mentira. Eles foram treinados para prever qual é a próxima sequência de palavras mais provável, com base nos padrões que aprenderam nos dados. Isso significa que, ao responder, eles não estão verificando fatos, estão apenas completando uma ideia de forma coerente.

Quando um modelo gera uma resposta incorreta, mas com aparência convincente, chamamos isso de alucinação. Ele não está mentindo, mas sim tentando preencher a resposta com algo que *parece fazer sentido* dentro dos padrões que conhece – mesmo que essa informação nunca tenha sido dita de fato nos dados originais.

Essas alucinações podem parecer seguras, detalhadas e confiáveis, justamente porque o modelo organiza bem as palavras. Mas, no fundo, ele está apenas seguindo probabilidades. Por isso, em qualquer uso mais crítico, é fundamental validar as respostas com fontes confiáveis.



O desafio de confiar na IA

A inteligência artificial pode ser facilmente induzida a erros, principalmente quando as perguntas não são bem formuladas. Em situações de ambiguidade, o algoritmo tende a “alucinar” informações ou apresentar respostas incorretas apenas para preencher a lacuna. Esse risco se manifesta inclusive em aplicações práticas, como no uso de IA para interpretar normas regulatórias: em alguns testes, ao buscar a data de vigência de uma norma, o sistema retornava a primeira data mencionada no documento, mesmo sem relação com a questão.

Para evitar equívocos desse tipo, é necessário estruturar melhor os prompts, restringindo o contexto e aceitando a ausência de resposta quando a informação correta não está clara. Isso evidencia que o uso da IA em ambientes corporativos deve ser tratado como um processo de aprendizado, com testes contínuos, ajustes de instruções e, sobretudo, uma fase de homologação rigorosa. No caso da inteligência artificial, essa etapa é ainda mais crítica do que em sistemas tradicionais, já que os riscos de erros e alucinações são significativos.

Inteligência Artificial Aplicada

O que é um prompt?

Prompt é o nome dado ao comando, instrução ou pergunta que você envia para uma inteligência artificial generativa. É por meio do prompt que você solicita qualquer tipo de tarefa: escrever textos, responder perguntas, analisar documentos, criar resumos, sugerir ideias ou traduzir informações.

A função do prompt é ser o ponto de partida da interação com o modelo de IA. Assim que você envia um prompt, a IA interpreta sua solicitação e começa a construir uma resposta, palavra por palavra, com base no que aprendeu durante seu treinamento. Essa dinâmica é semelhante a iniciar uma conversa: você apresenta sua necessidade e a IA tenta entregar a solução mais adequada.

Prompts podem ser simples ou complexos, dependendo do objetivo. Entender o papel do prompt é essencial para qualquer uso de IA generativa, pois é a partir dele que todo o processo começa.

Exemplos de prompt

“Resuma o e-mail abaixo em três tópicos objetivos”

“Liste as principais cláusulas de confidencialidade deste contrato”



Como estruturar um bom prompt

A clareza e a especificidade do prompt são fundamentais para obter respostas realmente úteis da IA. O modelo funciona melhor quando recebe instruções bem definidas, deixando claro qual é o objetivo da tarefa, o tipo de resposta esperado e qualquer critério ou restrição relevante. Em vez de um pedido genérico ou vago, procure detalhar exatamente o que você quer: explique o contexto, indique quais informações são mais importantes, e, se necessário, defina o formato da resposta.

Por exemplo, se a tarefa é analisar um contrato, em vez de simplesmente pedir "analise este contrato", experimente direcionar o modelo: "Liste os principais riscos regulatórios encontrados neste contrato, apresentando a resposta em tópicos objetivos, com base nas exigências da legislação brasileira". Sempre que possível, acrescente informações como público-alvo, finalidade do documento ou qualquer detalhe que ajude a IA a interpretar corretamente o contexto. Quanto mais preciso for o seu prompt, menos genérica e mais relevante será a resposta.

Anatomia de um bom prompt

Objetivo

Formato

Avisos

Contexto



Como funcionam os modelos que raciocinam

Para resolver problemas complexos, como análises, cálculos, comparações ou planejamento, os Modelos que raciocinam são os mais adequados. Eles seguem um processo diferente: em vez de tentar responder tudo de uma vez, eles dividem a tarefa em partes, planejam uma sequência lógica e resolvem passo a passo.

Esse raciocínio pode acontecer de forma visível (em voz alta, “pensando” junto com você) ou apenas internamente, quando o modelo segue uma cadeia estruturada de decisões antes de apresentar o resultado final. O importante é que ele tenha espaço para refletir, testar hipóteses e organizar o que vai responder.

Esse tipo de abordagem é útil especialmente quando:

- A resposta depende de múltiplos fatores combinados.
- Há cálculos, regras ou critérios em jogo.
- A pergunta exige contextualização ou comparação.
- O usuário quer mais confiança na resposta, e não apenas velocidade.

Exemplo de raciocínio

Prompt

Recebemos uma denúncia anônima ontem. Segundo a nossa política interna, temos 3 dias úteis para abrir a apuração. A denúncia chegou numa quarta-feira. Até que dia posso formalizar a abertura?

Etapa 1

Ok, o que eu preciso calcular aqui é a data-limite para abertura de apuração com base em um prazo de 3 dias úteis. A data de referência é **quarta-feira**. Importante: considerar apenas **dias úteis**. Vamos para a contagem.

Etapa 2

Se a denúncia foi na quarta-feira, o prazo começa a contar a partir de quinta. Dias úteis: **Quinta (1º dia)**, **Sexta (2º dia)**, **Segunda (3º dia)**. A data final, portanto, é segunda-feira.

Resposta

Você pode formalizar a abertura da apuração até **segunda-feira**.
Se houver feriado no meio, o prazo se ajusta, mas num cenário normal, esse é o limite.



Buscando informações atualizadas

Muitas perguntas do dia a dia de compliance exigem informações que mudam com frequência: índices regulatórios, tabelas oficiais, sanções recém-publicadas ou parâmetros financeiros. Modelos de IA tradicionais só conseguem responder com o que aprenderam até a data em que foram treinados — ou seja, ficam desatualizados para temas dinâmicos.

Com a função de busca ativada, a IA pode pesquisar na internet em tempo real para trazer dados atualizados e responder perguntas que dependem de novidades ou fatos recentes. Isso faz toda a diferença quando o contexto muda rápido, como numa alteração de norma ou mudança de valor de multa.

Exemplo

“Qual é o valor da penalidade mínima atualmente aplicada pelo Banco Central para falha em reporte de operações suspeitas?”

Se a busca estiver ativa, o modelo vai pesquisar a resposta na web e trazer o valor correto, mesmo que isso tenha mudado depois do treinamento original da IA. Assim, o modelo passa a ser uma ponte entre o seu conhecimento consolidado e a informação viva do mundo real, dando respostas mais confiáveis para decisões do dia a dia.


Pesquisa profunda

A pesquisa padrão da IA costuma ser superficial: ela acessa rapidamente algumas fontes disponíveis, resume as primeiras informações que encontra e entrega uma resposta simples, muitas vezes suficiente para dúvidas objetivas, mas limitada para decisões mais complexas.

Com a pesquisa aprofundada, o modelo muda completamente de abordagem. Ele vasculha dezenas de fontes, compara documentos, explora referências relacionadas, busca por atualizações e complementos em diferentes sites e bancos de dados. Muitas vezes, segue pesquisando de forma encadeada: a cada nova informação encontrada, ajusta o foco, refaz perguntas, explora alternativas, como se estivesse investindo horas de pesquisa, não minutos.

O resultado que chega para você também é diferente. O modelo entrega uma análise extensa, estruturada em tópicos ou etapas, citando fontes, apontando divergências, detalhando prós e contras de cada referência e, muitas vezes, sugerindo caminhos alternativos para a sua necessidade.

No contexto de compliance, isso permite acessar rapidamente um panorama completo de normas, entender mudanças regulatórias, identificar riscos emergentes e apoiar decisões estratégicas com muito mais profundidade e embasamento. A diferença não está só na quantidade de informação, mas na qualidade, na estrutura e na segurança que esse tipo de resposta traz para o seu trabalho.



Grounding: aterrissando o modelo

Por mais avançados que sejam, os modelos de inteligência artificial generativa não sabem nada sobre a sua empresa, seu contexto específico ou os detalhes do seu trabalho, a não ser que você conte isso para eles. *Grounding* é justamente o processo de fundamentar a IA com informações reais, documentos, dados internos ou qualquer referência relevante ao seu cenário. Isso faz com que o modelo deixe de trabalhar só com conhecimento geral, passando a se basear em fatos concretos e atuais da sua rotina.

Quando você pede para a IA criar um relatório, escrever um texto de marketing ou analisar um contrato, ela só vai acertar nos detalhes se tiver acesso às informações certas. Por isso, o primeiro passo para obter resultados úteis e aplicáveis é sempre fornecer contexto: envie o material de apoio, explique o que a empresa faz, a quem aquele conteúdo se destina e quais são as prioridades do negócio.

Esse processo é essencial para evitar respostas genéricas, adaptar o resultado ao estilo da sua organização e garantir que a inteligência artificial realmente ajude a resolver problemas do seu dia a dia. Grounding transforma a IA em uma parceira muito mais valiosa, porque ela passa a trabalhar com a sua realidade, e não apenas com padrões genéricos da internet.



Confiabilidade das respostas

Mesmo com prompts claros e bem fundamentados, a qualidade final depende de como cada modelo processa a solicitação. Por isso, trate cada interação como um experimento: faça a pergunta, avalie a saída, ajuste o texto, teste de novo. Troque pequenas palavras, inclua exemplos, retire detalhes redundantes, até identificar o ponto em que o modelo passa a entregar respostas consistentes.

Crie o hábito de comparar: rode o mesmo prompt em instâncias diferentes, verifique se surgem contradições, anote onde o resultado muda quando o contexto aumenta ou diminui. Essa prática revela rapidamente os limites de um cenário específico — se o documento ficou grande demais, se faltou referência legal, se o modelo simplificou além do aceitável.

Quando a tarefa exigir precisão extra ou envolver decisões sensíveis, considere subir o nível da ferramenta. Modelos mais avançados oferecem cadeias de raciocínio explícitas ou incorporam pesquisa em tempo real, cruzando fontes externas antes de responder. Eles não eliminam a necessidade de revisão humana, mas reduzem o trabalho de checagem e aumentam a confiança em temas complexos ou voláteis.



IA com ferramentas

Modelos de IA generativa começaram apenas respondendo com base no que aprenderam durante o treinamento. Mas, hoje, algumas ferramentas permitem que esses modelos façam muito mais: eles podem acessar recursos externos para buscar informações atualizadas, analisar arquivos, interpretar imagens ou executar pequenos códigos, tudo isso enquanto constroem a resposta.

Quando uma IA tem acesso a essas ferramentas, ela consegue ampliar bastante sua utilidade no dia a dia. Por exemplo, ao receber um prompt, o modelo pode decidir consultar a internet para buscar um dado mais recente, abrir um PDF que você enviou, analisar uma tabela de Excel ou até simular um cálculo direto no texto. Algumas versões mais avançadas, inclusive, permitem criar pequenos aplicativos e fluxos automatizados a partir do próprio chat, integrando várias funções em uma única conversa.

Na prática, a diferença está em como o modelo consegue agir diante do que não sabe ou não tem "na memória": em vez de inventar ou dar uma resposta genérica, ele consulta a fonte certa, interpreta o resultado e segue construindo a solução junto com você.



Segurança, Governança e Privacidade

Direitos autorais e conteúdos gerados por IA

Quando você utiliza uma IA generativa para criar textos, imagens ou outros materiais, surgem dúvidas legítimas sobre quem detém os direitos sobre esse conteúdo. Na maioria dos casos, o modelo de IA não é o “autor” legal: os direitos podem depender da legislação do país, das regras da plataforma utilizada e do contexto de uso.

No Brasil, ainda não existe regulamentação específica sobre direitos autorais para conteúdos gerados por IA, mas as decisões mais recentes sugerem que, em ambientes corporativos, o responsável pelo prompt e pela curadoria do resultado é quem responde pelo uso e eventual publicação do material. Em outras palavras, cabe ao usuário garantir que o conteúdo criado não infringe direitos de terceiros (como textos, imagens ou marcas protegidas), e que eventuais atribuições sejam feitas quando exigidas pela plataforma.

É importante também ficar atento ao uso de IA em documentos oficiais, relatórios públicos ou comunicações externas, evitando riscos de plágio, uso indevido de dados protegidos ou falta de transparência quanto à origem do material.

A recomendação, até que a legislação avance, é sempre revisar, adaptar e validar qualquer conteúdo gerado por IA antes de utilizá-lo profissionalmente, tratando-o como ponto de partida, nunca como versão final e pronta para publicação.



Privacidade, segurança e confidencialidade

Ao adotar IA generativa no ambiente corporativo, um dos primeiros cuidados é garantir que o tratamento das informações siga o mesmo padrão de segurança e confidencialidade dos outros sistemas críticos da empresa. Hoje, grandes provedores como OpenAI, Microsoft e Google oferecem versões empresariais (Enterprise) de suas soluções de IA. Essas versões permitem que o cliente negocie ou aceite cláusulas contratuais (Enterprise Agreements) muito semelhantes às já utilizadas em outros serviços de nuvem: controle rígido sobre armazenamento, auditoria, criptografia e regras claras sobre propriedade e uso dos dados.

No cenário enterprise, os dados fornecidos à IA permanecem sob as mesmas regras e políticas do restante do ambiente corporativo. Isso inclui proteção contra retenção indevida, limitação de uso para treinamento dos modelos e auditoria completa dos acessos, o que dá mais tranquilidade para o uso em informações sensíveis e processos regulados.

Outra alternativa é rodar modelos avançados de IA localmente, em servidores próprios ou na infraestrutura da empresa. Esse caminho aumenta ainda mais o controle e o ownership sobre o processamento dos dados: nenhuma informação sai do ambiente interno, eliminando praticamente o risco de vazamento externo. Em compensação, isso exige investimentos maiores em hardware, manutenção e atualização, além de uma possível limitação no acesso aos modelos mais poderosos do mercado, já que muitos deles só rodam na nuvem dos grandes provedores.

Boas práticas no uso da IA

Usar inteligência artificial em compliance exige mais do que dominar ferramentas: é preciso adotar princípios sólidos de governança para garantir transparência, responsabilidade e controle em todas as etapas do processo. Isso começa por estabelecer regras claras para o uso da IA na empresa: quem pode acessar as ferramentas, quais tipos de informação podem ser analisados, como revisar e validar os resultados gerados, e como registrar o histórico das interações.

Uma boa prática é documentar os prompts usados, os arquivos enviados, as respostas recebidas e as decisões tomadas a partir da análise feita pela IA. Esse registro facilita auditorias, reforça a rastreabilidade e serve como evidência em caso de questionamento regulatório ou revisão interna. Outra recomendação é envolver o time de compliance, TI e jurídico na definição de políticas, na escolha das ferramentas e no acompanhamento contínuo do uso — garantindo alinhamento com as normas e padrões da organização.

Também vale investir em treinamento: capacitar os usuários para reconhecer limites, riscos e oportunidades das IAs, e incentivar o reporte de incidentes ou inconsistências identificadas no uso diário.

Governança de IA, em última análise, significa tratar a tecnologia como um recurso estratégico: um aliado poderoso, mas que deve operar sob regras, supervisão e revisão constante, preservando a integridade dos processos e a reputação da empresa.